

Ética, ideais, vergonha e modéstia

"A modéstia diz respeito ao sexo como um segredo".

Sexo e horror, Pascal Quignard

"...o escondido é o que o discurso científico não pode engolir e nada mais é do que a ausência de relações sexuais".

A modéstia é um articulador entre erotismo e segregação*, funciona como um véu tentador quando se trata de erotismo e como uma barreira quando se trata de segregação.

Facilita a excitação erótica e restringe a excitação violenta e destrutiva quando se trata de segregação. Neste sentido, a modéstia é também um termo político.

Em seu uso habitual e mais comum, "modéstia" significa honestidade, modéstia, modéstia, modéstia, modéstia. Mas nos velhos tempos significava mau cheiro, era uma indicação de que algo cheirava mal, algo próprio ou do outro. E se algo "cheira mal...", a referência é para o outro... para pressentir a iminência do gozo, por suas boas ou más intenções, por sua malícia. É o outro ou o eu, como um terceiro.

A modéstia parece ser capaz de desaparecer por um certo efeito exclusivo do discurso do capitalista. Lacan fala do demônio da "modéstia" em "O significado do falo", do grego Aidos e do termo alemão scham, que é traduzido como "vergonha" e como "modéstia".

Em alemão e inglês não há dois termos diferentes, como há em espanhol e francês: pudor e vergüenza. O "scham" de Freud é traduzido como "vergonha", mas Lacan localiza pudor, não vergonha, na constituição do sujeito. Em inglês, o termo mais próximo seria modéstia, que é discrição, modéstia. Lacan aponta em "O significado do falo" que "o demônio da modéstia aidos (scham) surge quando o mistério do falo é revelado", quando o chamado "véu da modéstia" cai.

O significado é cunhado como uma progênie bastarda da concatenação significativa. O sujeito e o significado são filhos bastardos do significante, e o véu da modéstia é constitutivo do sujeito e do objeto velado no fantasma. A barra indica este bastardo.

Poderíamos colocar a modéstia no quadro do seminário "Angústia", em correspondência com o lugar de inibição, onde há o choque de dois desejos que presidem à modéstia de bem dizer, ainda estranhos ao gozo do sintoma que corresponde ao desgosto e à vergonha. A modéstia inibe, e sem a restrição da modéstia, a vergonha se torna um sintoma.

A "coisa boa de se dizer" é a meia verdade. A modéstia está no "quanto" escolhemos dizer de uma verdade, para não produzir um gozo que vai além do limite da modéstia. A verdade está apenas na metade, o gozo está na pretensão de dizer tudo. A modéstia respeita a metade da verdade e se abstém de dizer "demais". Os véus que restam para ser puxados para trás impedem o horror nu do objeto a.

No autismo não há modéstia porque não há sujeito, nenhuma inibição, nenhuma possibilidade de um sintoma, nenhum sujeito dividido, porque embora o autista fale, ele o faz sem levar em conta sua própria divisão ou a do outro. Como pode ser visto na série "Atípico", ou no personagem autista da Saga Nören na série "Bron Broen", personagens que se comportam sem modéstia. Saga é uma mulher policial que obedece aos protocolos, mas não hesita em trocar de roupa na frente de todos ou, quando "precisa", convidar alguém que acabou de conhecer para ter sexo com ela. No autismo da Saga, há relações sexuais e, por esta mesma razão, não há assunto ou modéstia.

Hoje em dia, é reivindicada "identidade de gênero", "identidade autopercebida", uma identidade que é apresentada como estranha a qualquer questão sexual ou erótica, estranha à sexuação, a qualquer identificação sexual. A identidade de gênero é apresentada como performativa, como a afirmação egoísta de uma identidade de gênero adequada, estranha ao sexo, à sexualidade e à sexuação. É um auto-reconhecimento de si mesmo, sem o "cheiro" do sexo. E o desejo não é identidade, é antes uma falta de identidade, uma falta de ser.

Mas a modéstia conjuga-se com a outra, que cheira bem ou mal, que desperta confiança ou suspeita, que atrai ou repele. Na conhecida frase do seminário "Angústia", "o amor permite que o gozo condescenda ao desejo", a modéstia pode muito bem substituir o amor, pois é a

modéstia que permite que o gozo condescenda ao desejo, tanto no erotismo como na política.

Qual é a realidade do amor? Lacan diz que o casamento é o amor como o engano recíproco de dois "idiotas", duas pessoas desorientadas.

Em relação aos tempos lógicos, a modéstia estaria em jogo no instante do olhar, e a vergonha no momento da conclusão. A modéstia antecipa algo ao sujeito, é algo que desperta no sujeito antes que ele possa pensar no assunto ou percebê-lo; enquanto a vergonha vem quando é tarde demais, quando não há mais nada a fazer além de pedir desculpas.

Os não-pudistas erram significa que são os impudicos avisados que erram, os avisados que têm ideais daqueles que gostam de manter que há relações sexuais. E se há relações sexuais, as "virtudes" são aquelas que são mantidas, certas ou erradas, nos ideais aristotélicos: o Bom, o Verdadeiro e o Belo.

Mas se não há relação sexual, então há de fato um sujeito e, tendo os ideais caído, a única virtude é a modéstia... na ausência de ideais. E o que é a modéstia senão abster-se de defender e impor ideais com unhas e dentes, que em vez de presidir o "bom de dizer", presidem a segregação ao extremo do extermínio do outro em nome desses mesmos ideais?

A modéstia é a única virtude que não depende de ideais morais, não é uma virtude moral, é ética.

Na Radiofonia, p.62, Lacan afirma que "a ciência é uma ideologia de supressão do sujeito", e na Proposta de outubro de 1967, assinala que a manutenção da identificação com o pai ideal e a universalização do sujeito proveniente da ciência têm como correlato o advento de "um mundo organizado sobre todas as formas de segregação". O Ideal empurra para a eliminação do resto, sem vergonha.

Neste sentido, em relação ao "bom de dizer", a modéstia do analista que faz o objeto semblante é não falar, porque o objeto não fala, ele causa e faz falar. Fazer o objeto falar como sujeito é a própria perversão.

Sem modéstia não há erotismo no sexo, mas abuso e obscenidade; e sem modéstia não há restrição diante do outro reduzido à condição de objeto, e assim a segregação é abundante porque sua raiz é que o outro não é reconhecido como sujeito.

Ou seja, não há erotismo sem o véu da modéstia; e a segregação é desencadeada quando em nome de ideais, ou algum ideal, o outro não é reconhecido como sujeito, como um semelhante, e assim a barreira da modéstia é violada com ele e dentro dele.

Assim, seguindo Lacan, se existe uma relação sexual, as "virtudes" são aquelas que sustentam mal os ideais aristotélicos, as mesmas que Lacan não sustenta no nó borromeano.

E se não há relação sexual, como Freud, Lacan e a psicanálise mantêm em cada fim de análise: então, de fato, a única virtude é aquela que a psicanálise sustenta com sua prática como um vínculo social: a modéstia.

Poderíamos dizer, então, que neste sentido, o discurso da psicanálise tem a singular modéstia que falta a toda filosofia universal.

Oswaldo Arribas

Mai de 2023

1) Tradicionalmente, existem sete virtudes celestiais: prudência, justiça, temperança e coragem (ou fortaleza) com as outras três virtudes teológicas: fé, esperança e caridade. Para Aristóteles e Tomás de Aquino, a modéstia não é uma virtude, mas um sentimento ou uma exaltação da mente.

2. * Seminário FCL: "Erotismo, Pudor e Segregação". Dado por Oswaldo Arribas, Clelia Conde, Norberto Ferreyra, Héctor Franch, Ursula Kirsch, Marta Nardi, Anabel Salafia e Noemí Sirota.